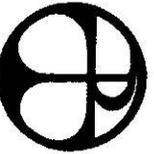


A partir de uma visão crítico-irônica dos usos e abusos do poder, Roberto Schwarz constrói a situação farsesca de

A LATA DE LIXO DA HISTÓRIA

Schwarz utiliza-se do cômico, do grotesco mesmo, como expressão de um conteúdo crítico atualizado.



MAIS UM LANÇAMENTO PAZ E TERRA
UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA



Roberto Schwarz, em seus trabalhos críticos, vem-se revelando estudioso dos mais importantes da obra de Machado de Assis. É essa intimidade com a obra do sempre tão atual Machado que lhe permitiu tirar do conto "O alienista" a situação-ponto de partida para a peça *A Lata de Lixo da História*.

O que faz com que este conto, sua temática, seu conteúdo crítico, permaneça válido neste momento? O fato de questionar o conceito de loucura (assunto tão atual!), por mostrar como é relativa - um caminho de duas vias - a fronteira entre alienista e alienado? Louco seria aquele que não gozasse do perfeito equilíbrio das faculdades mentais, ou aquele cujo equilíbrio é perfeito, ou, finalmente, louco seria o próprio alienista que pontifica sobre a sanidade mental dos outros?

Independentemente das significações que possam ser atribuídas às diversas etapas do questionamento da loucura, a narrativa de Machado constrói um sentido mais amplo e, ao mesmo tempo, mais profundo. O que "O alienista" discute é o próprio exercício do *poder*. O uso que faz o homem do poder que se atribui ou que lhe é atribuído. É este sentido, que vai além das significações primeiras, que é tomado por Schwarz. A partir de uma visão crítico-irônica dos usos e abusos do poder se constrói a situação farsescas de *A Lata de Lixo da História*.

Simão Bacamarte diz, na peça, que pretende, pela ciência, "delimitar, na prática, razão e

A LATA
DE LIXO DA HISTÓRIA

Daniel Vapora Silva
Rosa Pirangi - 81



3774

LATA DE LIXO DA HIST

5,00

Coletção TEATRO
Vol. 2

ROBERTO SCHWARZ

Ficha catalográfica

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

S4281

Schwarz, Roberto.
A Lata de lixo da história: farsa.
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
(Teatro, v. 2)

I. Farsas brasileiras I. Título II. Série

77-0464

CDD - 869.92052
CDU - 869.0(81)-22

A LATA
DE LIXO DA HISTÓRIA

Farsa

EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial:
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Henrique Cardoso



Paz e Terra

Copyright © by Roberto Schwarz, 1977

Sumário

Conteúdo

Capa: Jayme Leão

SUMÁRIO

1. CARTAZ: SIMÃO BACAMARTE APESAR DE TUDO DEIXA A EUROPA	11
2. EM ITAGUAHY	13
3. A VOCAÇÃO	17
4. OUTRO SÁBIO DA MESMA ITAGUAHY	19
5. A FUNDAÇÃO DA CASA DE LOUCOS	23
6. EVARISTA VAI, MAS BACAMARTE FICA	31
7. PALHA VAI PRESO	35
8. UMA NOVA TEORIA	41
9. NÓS NÃO SOMOS BARATAS	47
10. A RECONCILIAÇÃO	53
11. A REBELIÃO	61
12. 3/4 PARTES DA POPULAÇÃO ESTÃO PRESAS: O REGIME BACAMARTE	75
13. HAPPY END	81

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA S. A.
Rua André Cavalcanti, 86
Fátima, Rio de Janeiro, RJ

1977

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

(No palco há bonecos de negros e animais, que serão mal-tratados de várias maneiras, conforme as circunstâncias. Há, também, um espelho. As cenas são separadas por segundos de escuridão. Nesta peça tudo é questão de ritmo e corte, pois ela é construída sobre transições canceladas. A passagem da mudança à atrocidade, as conversões rapidíssimas e reversíveis em matéria de convicção, a brevidade com que se dispõe de uma discursão, a alienância de asneira e cinismo devem fazer figura de História contemporânea.)

CARTAZ: SIMÃO BACAMARTE
APESAR DE TUDO DEIXA A EUROPA

1

(Entram Rei e Simão)

SIMÃO: Majestade, é impossível.

REI: Mas Simão, você não pode, não pode me deixar assim! Espanha e Portugal ao desamparo! Quem vai cuidar dos negócios da Monarquia? Aceite ao menos a Universidade. Fique como Reitor em Coimbra!

SIMÃO: Sinto, Majestade, mas não posso. A ciência é o meu emprego, o único e o meu universo é Itaguahy, no... *(Ouvem-se barulhos horríveis, e Simão, em homenagem à censura muda a peça para outro país)...* na Suíça.

(Fanfarras: Sai o rei em desespero, a mão na testa. Quando acaba de sair, Simão corre até o espelho e experimenta várias poses. Ouve-se uma batucada e começa um samba. Simão experimenta um passo diante do espelho, em seguida sai dançando como passista entre os bonecos, neles batendo de passagem. Bate mais e mais brutalmente, até perder o ritmo e chegar à pancadaria. Guincha, berra, monta nos bonecos, monta indecentemente, e acaba sentido no chão, exausto de bater. Pára o samba. Pausa. Simão levanta. Diante do espelho rearranja a figura. Recomeça o samba. Simão sai no passo, com respeitabilidade.)

(Os pares passeiam pelo palco e, de passagem, dão lambadas nos bonecos. Uma fala para cada par.)

PRIMEIRO PAR: O dr. Simão Bacamarte,
filho da nobreza desta parte,
é médico sem rival
na Espanha, aqui e no Senegal.

OUTRO: Mas a digestão dele, dizem que é péssima. Muita cabeça,
pouco intestino. Ele não solta as bostas.
(operático) Digestão e entendimento
são faculdades opostas.

OUTRO: O que é a ciência?...
A ciência – é a ciência.

OUTRO: Um método, antes de tudo,
e uma longa paciência.

OUTRO: Este soneto não será um último soneto, mas nas circunstâncias de ser feito quase de repente, e numa sala onde se conversava, é muito bom soneto. Os entendedores da matéria aplaudiram, e os que não entendiam aplaudiram também.

OUTRO: Bacamarte? Um saber universal. E que pronúncia!

*
*

(Simão de braço com o tio caçador de pacas)

TIO: Simão, te casaste com D. Evarista. És livre. Mas por quê? Por um lado ela não é bonita, por outro lado, ela também não é, me admira que tu...

SIMÃO: Tio, o senhor é como mamãe, materialista! e o ideal? As condições fisiológicas de D. Evarista são incomparáveis. Digestão, pulso, bacia, vista. E é mal composta de feições? Agrado a Deus, pois até prefiro. Não perco de vista a ciência, contemplando a consorte.

TIO: Perfeitamente. Também eu gosto mais de ver uma paca no mato que a tua tia em casa. Mas Simão, você é um extremista! Um extremista...

A VOCAÇÃO

SIMÃO: Evaristinhaaal (*entra Evarista*) Na Colônia, mesmo no Reino, e quicá no mundo, não há uma autoridade, digo uma autoridade real, uma só que seja, em patologia do cérebro; recanto quase inexplorado da medicina. O psiquismo poderá cobrir a ciência lusitana, e particularmente a suíça, com louros *imarcescíveis!*

EVARISTA: (*Enlevada*) *Imarcescíveis!* (*Recomeça o samba. Os dois têm um faniquito de modestia, entram no passo e cantam "imarcescíveis" em dueto.*)

*
*
*

SIMÃO: (*Levanta-se e brada*): A saúde da alma é a ocupação mais digna do médico!

BOTICÁRIO CRISPIM: Do verdadeiro médico, sim senhor.

OUTRO SABIO DA MESMA ITAÇUAHY

4

partilham? Que partilham. Que partilhammm, claro, os destinos. (Fica em posição de sentido).

(Aplausos calorosos. Levanta-se D. Evarista, para tomar o professor pelo braço.)

EVARISTA: Ma-ra-vi-lhoso. É colega de meu marido. Conhece a nós, mulheres, como a palma de sua mão. Aliás, o Dr. Bacamarte pede mil desculpas, não pôde vir. Entrementes, o professor quicá responde a perguntas? Já tem uma aqui, é de uma senhora de nossa sociedade. (Lê) "Professor, que fazer quando a chama devorante da paixão aniquila o pundonor de nossas filhas?" Galinha! A duras penas me refaço do estado de choque em que acabo de tombar. - Hmhum! Não concebo nem admito!

PROFESSOR: O doutor Bahkamarte nao precisa se desculpar, eu tampôco assisti à congferência tèle em Tübingen, no ano passado! (Dá um murro na mesa). Quanto à chama flamechante das paixoengs, a meu ver o remédio é o carrinho, o passeio em carrinhos.

ASSISTÊNCIA: - Carrinhos? - Que carrinhos? - Que que é? - É carrinho ou carinho? ri, ri, carinho.

PROFESSOR: Carrinhos, egzactamente, com apertos e de rôda paixaxa.

EVARISTA: Ele me interrompeu, mas não fiquei sentida. Aberto e baixinho, professor? (cobrindo o rosto e rindo) Não precisava também escachar, o senhor, hem? (batendo nas pernas) Um sábio alemão, essa não, e sem capota! Professor, é com calota ou sem calota?

ASSISTÊNCIA: Você viu? - De roda pequena - Hu, ho, ho, ho! - É para virar mais depressa. Paixões grandes, rodellas pequenas, Qüi qüe qüe Tira a mão daí! Olha a cara dele! Professor, vamos dar um passeio? Tô nessa, alemão! O meu sorvete caiu Antenor, se comporte!

(Um professor alemão pronuncia interessante palestra para uma seleta assistência, de que faz parte D. Evarista. As Palmas começam ainda no escuro.)

PROFESSOR: (Lendo) E nada contripue thanto parra egzaltar e estrragar a morral de nössas filhas p-hüberes quanto o desemfolhimento de suas faculdades intellectuais para alémm do limite que a natureza lhes há traçado. Tôtos os dias tristes egzempios atestam a inutilidade e até o perrigo te oprigar ass meninas à cultura das ciências e do saper em cherral. Pois a ekcitação prolongada do cérebro subferte a ordem natural tas coissas e fass tèle o centro preferengial, tigo mais, único, e talvez mesmo eksclusivo, das açoengs e dos mo'fimentos, em-fraquecendo a enerchia tos ôtros, tos temais, tos resthantes ôrgãos. A insistência nos trabalhos menthais tôrna a mente feminina excessivamente sustzeptível, ocasionando as cephalalgias, toengças nerfôsas, errupçoengs cuthaneas, a espineta tortha, a hmmm punda calda e ôtras muitas afeçoengs, que emvenenam os mais pelos tias da egzistengcia tas mulheres. Entretanto, a espécie de império que as mengcionadas muliêres egzercem na sociedade egzije que class não secham ig-norantes. Não vou tisser por isto que lhes secha tevido o mesmo grâu de instrução tos homemms. Pelo contrário, o esthudo moderado das arches de recreaçong é o único que lhes confêm. Atôça as suas tristestzas, svaviza o aporrecimento da solidão e langça sôbre o curso trabalhoso de sua fida uma certa graça tooçe, semm a qval não empezariam o destino de seus respectivos lechitimos espôsos, que partilham.

PROFESSOR: (*Rubro de indignação*) O passeio emm cartínios, sing se-
nhores (*Murro na mesa*), temm sido suficiente para apagar, na maioria est-hatística tas mulheres (*Murro*), a chama terrível da paixão! E parra que té resultados pongos é necessário que as rôdas secham paixas (*Murro*), e que o carro estecha desco-
per-to (*Murro*). Porque as rôdas paixas protucemm apalos, lichê-ros porém fregventes, que tiluem e faporizam oss appetites congcentrados no órgão das folleções (*Murro*). E porque o carro aperto, pela fariidade tas impressóings visvais que ocasio-
na, occasiona a distração (*Murro*). Chavalhar (*Murro*) e *distrair* (*Murro*) parra conserfar a virtude (*Dois murros*). Os senhores sao umm púplico muito maleucado, ingvalificáfel. Neng sapem o que é a ciêngcia. (*Olha para trás e dá de cara com um boneco preto*) Um pais de escravos te côrr. Sapem acaso o que é tignidade humana? (*Ao boneco*) Focê suporta essa opressão? Totos os homengs são igvais! Himorraís!

(*Entra um grupo, os Notáveis da cidade.*)

PRIMEIRO NOTÁVEL: (*Aos colegas*) Olha o alemão. Olha o alemão! (*Ao alemão*) Epa, alemão! Você está dizendo ao escravo que ele é gente? (*Estala um chicote*) Se ele acreditar, você trabalha para mim no lugar dele? Não fique de joelhos, que estamos na América... Eu digo, os professores estrangeiros fazem grande mal, e são pessimamente escolhidos. Eje não é gente, você que é bicha!

PROFESSOR: (*Falando consigo mesmo, meio arrastado e meio protegido pela setela assistência assustada, que vai saindo*) Sertanejo inchenuo! A idéa, die Idee, the idea, é livre, livrei ninguém prende neng impêde. Pôssso ficar quêto de médo, mass estou pengsando o tiapo a fosso respeito. Tentro da minha c-hapêça há democracia, ha-ha, igvaldade, lá dentro eu mando, mando emm totos, é a inalienáfel liberdade te pengsamento, garrantida pela cartha tas Naçoings Unidas.

PRIMEIRO NOTÁVEL: Gringo e professor, Pff! O Bacamarte, aliás, também é bicha.

(Os notáveis estão reunidos)

UM NOTÁVEL BEM VELHO: Daí fui ver o colo dela, era de alabastro. Um colo alabastrino. Ela me disse: Excelência...

OUTRO NOTÁVEL: Este velho já foi bom, hoje está gagá. Vou propor-lhe um negócio. — Estimo vê-lo tão disposto.

VELHO: Disposto, eu? Puxa-saco.

O OUTRO: Pois se há pouco V. Excia. falava num certo colozinho... Os anos não pesam a quem não pesam os cuidados. E, naturalmente, V. Excia. não se ocupa mais de mesquinarias comerciais, do preço agrícola, do mercado de terras, etc. Ainda bem, porque, do contrário, estava mal. Aquelas suas várzeas, que sempre foram mediocres, agora com a nova represa sabe que ficaram praticamente estéreis?

VELHO: Amigo, não se iluda, pessoalmente estou um caco. Não, não me desminta. Mas, as minhas várzeas? Absolutamente! Valorizadas pela represa nova. 50 mil. É um presente que lhe faço, contanto que não pechinche.

O OUTRO: Um lugar que nem escravo aguenta! Naquele brejo quem tem pernas foge e quem não foge morre. Eu sei porque o colega alemão do Bacamarte fez uma pesquisa. 35 mil, a prestações. Saiba, aliás, para o seu controle, que o alemão foi discursar na região. Pois foi. Um revolucionário! UM REVOLUCIONÁRIO! Isto é vida, meu Deus? Se eu não fosse vicia-

do, me retirava dos negócios. 25 mil, é a minha última palavra. Se a propriedade privada for abolida, sabe que o valor de seu terreno cai a zero?

O NOTÁVEL-RELATOR: (*Bate palmas, pedindo silêncio*) Silêncio à assembleia, vamos à coisa pública. O relator sou eu.

OS DEMAIS: (*Em rebelião*) Que relator? Deixa pra lá! Já vem atrapalhar. Pedante como ele só!

RELATOR: (*Mexendo em papéis*) É o requerimento do Bacamarte.

OS DEMAIS: Que requerimento?

RELATOR: O Bacamarte quer fundar um hospício.

DEMAIS: Oh! hospício! Não me venha com Bacamarte. Hospício, precipício, prepúcio. Sacanagem. Arquivar no lixo! De professor chega o alemão!

RELATOR: Senhores, não sei do Dr. Bacamarte. Mas o relator é um homem de respeito e vai relatar!

DEMAIS: Tá bom. Relata, vai. A vaidade humana é sem limite! Deixa ele relatar, que assim acaba.

RELATOR: (*Examinando o requerimento*) Primeiro, umas considerações gerais, que não interessam, sobre o descaso desta casa pela saúde pública. Depois — trololó. E o final: (*Ê*) "Peço licença à egrégia assembleia para recolher, em edificio próprio, que por meus próprios meios farei levantar, onde terão tratamento e agasalho, todos os loucos de Itaguahy e das demais vilas e cidades de nosso país. Isto mediante estúpido, que os notáveis pagarão quando a família do enfermo o não possa fazer." Bonita sintaxe; um pouco arvezada, mas bonita. Agora esta palavra aqui, "recolher", quer dizer prender, não quer? Ele quer prender todos os loucos na mesma casa. Vejam só... Para quê? E é ele quem paga a casa. Mas tem o tal estúpido; será que dá muito? (*Toma postura de discurso*) Hmhmm. Meu parecer será breve. Pergunto: e se o louco for o próprio Dr. Simão?

(Palmas)

OS DEMAIS. O PRIMEIRO: A verdade é simples porém eloqüente.

OUTRO: Trata-se de um pobre louco, explorador de loucos pobres.

OUTRO: Protesto! O Dr. Simão é uma glória, um patrimônio de Itaguahy. Concorde que é loucura trancar muitos loucos numa casa só. Mas nem por isto o Bacamarte é louco. Ele é um cientista, e a ciência merece todo o nosso respeito. É político — meus caros — respeitar a ciência, se quisermos que seja científico respeitar a política.

TODOS: Muito bem!

OUTRO: Pois para mim, o Dr. Bacamarte e a fala do orador que me antecedeu, ambos cheiram a ateísmo. Se Deus deixa alguém com telhas de menos, não é para o Dr. Bacamarte botar um telhado inteiro em cima. E onde se localiza o dito telhado? Na Rua Velha, defronte ao meu melhor loteamento, recém-lançado. Boa vizinhança, a maior concentração de loucos do país! Deus tira o juízo aos doidos para que não pequem. Eu não acho cristão tratá-los, e muito menos trancá-los, — particularmente —

TODOS: (*Num uníssono avacalhado*) — na vizinhança do meu recém-lançado loteamento, em frente à Rua Velha.

RELATOR: Resumindo, resumindo, requerimento indeferido, pois a proposta carece de fundamento legal.

(Pausa. Nisso passa D. Evarista.)

RELATOR: D. Evarista, D. Evarista, a senhora conhece o Rio de Janeiro?

(Pausa.)

EVARISTA: (*Completamente enlevada*) Eu? É meu sonho de meninaaaaaa!!!! que não será satisfeito jamais.

(Pausa.)

RELATOR: Pois se a senhora conseguisse levar o Bacamarte, para um passeio, nós aqui que somos todos estudiosos, achamos que ele está estudioso demais. Assim passa da conta.

EVARISTA: Pensam que não sei disso? Passo dois, três dias sem vê-lo, e quando vejo, ele não fala comigo. Sempre metido com os livros e os loucos. Sabem o que ele está fazendo agora? Dissuadindo o filho da cozinheira, que pensa que é bicho-preguiça. E ontem passou o dia curando um preto desmesurado, que afirma que negro é gente. E sabe o que o Simão disse depois? Que sem trancar, sem pôr a ferro, não sara loucura nenhuma. Que ele precisaria de uma casa com cinquenta cômodos, e janelas verdes, para acabar com a doidice nesta cidade. Eu gritei: Simão, quando você tiver a Casa Verde eu estou viúval! Com cinquenta quartos para visitar, você não vai mais tembrar do nosso! O Simão respondeu que eu era como a mãe dele, materialista. Mas se os senhores, que são os Notáveis, acham que uma viagem para o Rio talvez faça efeito, serei doce como a pomba, astuta como a serpente e teimosa como o burro, e levarei Simão para o Rio. (*Sai.*)

(Pausa.)

OS NOTÁVEIS. PRIMEIRO: Mas este Simão não é bobo como eu pensava.

OUTRO: Pelo contrário. Se ele tranca e convence os renitentes, o hospício deixa de ser uma loucura, e passa a ser a casa da razão.

OUTRO: Senhor Presidente, este projeto excita a minha curiosidade. Por que não autorizá-lo?

OUTRO: E Deus me perdoe se uma casa nova, com cinqüenta janelas verdes, não valoriza uma rua velha.

OUTRO: Mas eu protesto. E o estipêndio que o Dr. Bacamarte exige? Tudo nesta cidade está tributado. Não podemos votar impostos novos. *(Entusiasmando-se)* Passaríamos à História como aqueles que não governam, mas assalam os seus constituents!

(Um instante de indecisão.)

TODOS: Bravo!

OUTRO: Calma, companheiros, não se deixem levar pelo verbo, que esse projeto interessa a todos. Segurança, disciplina, autarquia, respeito, valorização da terra e conhecimento do homem.

(Musiquinha.)

RELATOR: Resumindo: a Rua Velha passou a chamar-se Rua Nova.

A Casa Verde tem cinqüenta janelas.
Muitos cubículos e um pátio no centro.
A inauguração foi festiva, com bandeirolas,
correu gente, até do Rio, para assistir.
Há oito cargos de administração, já preenchidos,
e dois enfermeiros especiais, para ajudar o doutor.

(Entram a galope os enfermeiros: duas figuras com máscaras de gás, orelhas de burro e avental da cruz vermelha.)

Entra o alienista, saltando sobre os dois pés juntos e as pernas duras. Posta-se entre os enfermeiros.)

SIMÃO: A ciência - parecia - mau negócio
Mas agora - fizeram-me - de sócio
toquem toquem - sininhos de Belém
a-ciên-cia-não-é-só-cia-de-nin-guém.

EVARISTA VAI, MAS BACAMARTE FICA

(Música de espineta. Evarista e Simão. Evarista exercita a pontaria lançando dardinhos nalguns bonecos. Simão deve ter dentes fosforescentes.)

EVARISTA: Nada.

SIMÃO: Como?

EVARISTA: Nada. Estou dizendo que não me falta nada.

SIMÃO: Mas eu perguntei alguma coisa?

EVARISTA: Não. Foi por isto que eu respondi. Estou inteiramente viva. Por causa de meia dúzia de doídos.

SIMÃO: *(Examinando: voz científica)* Não acabou a frase. Levantou os olhos para o teto. Conheço esse gesto. É da noite de nosso casamento. Portanto, ela quer prejudicar e mesmo degolar a ciência! Mas eu não me irrita, não fico sequer consternado. Talvez um sorriso me descere os lábios *(faz uma prolongada cara de caveira)*, por entre os quais se escapa esta frase cheirosa: "Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro."

(D. Evarista escancara a boca e os braços.)

SIMÃO: *(Sem dirigir-se a Evarista)* Ela não dissimula, ou melhor, não consegue dissimular o frenesi de semelhante proposta.

(Simão segura-lhe a mão, que deve estar bem fora de mão, e faz novo sorriso de caveira) Tudo se troca. Faltava-lhe eu, consou-se com a capital.

(D. Evarista arregala o olho e pisca, num grande esforço de reflexão.)

SIMÃO: Não obstante, há uma questão no cérebro de minha esposa. Qual será?

EVARISTA: Se não fores, não vou também. Não vou meter-me sozinho pela estrada.

SIMÃO: *(Faz uma careta, para Evarista)* Irá com sua tia. *(Para o público)* Ela já tinha pensado nisso mesmo. Mas não quis pedir. Por causa das despesas, e porque era melhor, mais metódico e racional, que a proposta viesse de mim.

EVARISTA: Oh, mas e o dinheiro que será preciso gastar!

SIMÃO: *(Para Evarista)* Que importa? Temos ganho muito. Queres ver? *(Mostra-lhe o enorme livro de contabilidade. Sorriso)* *(Para o público)* Está deslumbrada. Enquanto come os algarismos, murmuro-lhe aos ouvidos, psicologicamente: *(Para Evarista)* por causa de meia dúzia de doídos...

EVARISTA: *(Bate o peito)* Sou eu quem não sabe nada! Deus sabe o que fez. *(Dedica-se inteiramente aos dardos, até o fim da cena)*

SIMÃO: D. Evarista, a sua tia, a mulher do boticário; um sobrinho deste, um padre que conheci no Egito, cinco pajens e quatro mucamas, tal foi a comitiva que três meses depois saiu daqui.

O que pode a natureza
e o que pode a ciência
quando esta estuda aquela.

*(Examina o público detidamente com um lornhão, que
passa a usar. E maintenant... aos loucos!)*

7

PALHA VAI PRESO

(Uma mulher arrasta uma mala e outros trastes.)

MULHER: Vou mudar, para a casa da mãe dele. O meu marido ficou louco. Eu não percebi, mas o Bacamarte percebeu e o mandou prender. Minha mãe sempre foi louca, mas ele ainda não se lembrou dela.

(Entram duas senhoras conversando.)

PRIMEIRA SENHORA: Que palestra, meu Deus! que palestra! Que profundidade! Para ele a loucura não é uma ilha, é um continente. E a razão talvez não passe de uma lagoa. Uma pérola que o Dr. Bacamarte quer extrair da concha. Como é que ele diz? do "desvario". Eu sou louca, você sabe? inteiramente. Eu contei ao doutor que bato nas minhas negras até desafogar o peito. Que depois de fazer visitas, eu vomito e que, de manhã, eu não quero levantar. Ele tomou nota de tudo, numa ficha.

(Aparecem dois enfermeiros. Atravessam o palco a galope feoz, relinchando em continua, arrastando, na ventania, um homem que deixa cair o seu chapéu. As duas senhoras e a mulher juntam-se assustadas. Passado o perigo, separam-se novamente. Entra um homem que vai e pega o chapéu.)

HOMEM: O chapéu do meu irmão. Semana passada levaram meu tio e meu primo. Acho que toda a minha família é louca.

*(Ouvem-se relinchos ao longe.
Um homem vai atravessar o palco na ponta dos pés, malta na mão. Chamam-no de volta, pssiu, pssiu. Aparece uma mão, que lhe entrega o guarda-chuva que havia esquecido. Ele apanha o guarda-chuva e atravessa o palco em disparada.
Em algum canto, duas pessoas escondidas acompanham a cena.)*

UMA: É o Gil Bernardes, dando no pé. Parece que o Bacamarte está de olho nele.

*
*

(Uma rodinha. Entra um cidadão, com as novas.)

PRIMEIRO CIDADÃO: (Abarido) Ontem foram 17, mais o Palha.

SEGUNDO: O Palha? Mas o Palha é pessoa de consideração!

PRIMEIRO: Nove escravos, três vagabundas, um cara que gritou na rua, porque torceu o pé, mais o Palha. E quatro bichas.

(Entra novo cidadão.)

TERCEIRO: Prenderam o Mateus, um verdureiro e treze cafetões.

QUARTO: Essa não, treze já é muito. A cidade não comporta.

TERCEIRO: Pois os treze juram por Deus que têm mulher trabalhando para eles.

SEGUNDO: E o Mateus! O Mateus é pessoa de alta consideração.

PRIMEIRO: Dos nove, oito escravos eram meus. (*Explodindo*) Eles não fizeram nada! Estavam ensaiando um madrigal, para o meu aniversário. (*Faz uma pose*) O maior e melhor madrigal da cidade. O do Mateus só tem seis vozes, e não tem nenhum castrado.

(*Aparecem os enfermeiros, a galope e relinchando, e levam o primeiro cidadão. A rodinha debanda. Gritaria:*)

TODOS (*Ao mesmo tempo:*) Mas... Mas... Brutos! Que horror! Assassinos! Prepotentes! Fascistas! Ele não fez nada!

(*A roda se reconstitui.*)

QUARTO: (*Chutando um boneco*) O Palha é que me preocupa mais. Eu devia dinheiro a ele. Vocês acham que ele vai contar?

QUINTO: O Palha? Imagine!

QUARTO: A minha mulher é uma jararaca, mas ela sempre disse que o dinheiro dele ia dar azar.

SEGUNDO: (*Apaga um cigarro num boneco*) E eu que nunca pedi. Bem fez você, que está assustado agora, mas ontem tomou dinheiro emprestado dele. O Palha, acho que guarda até mágoa de mim, me acha orgulhoso porque eu nunca lhe pedi nada. Se eu soubesse!

QUARTO: Mas será que ele não conta mesmo?

SEGUNDO: Nunca, iam pensar que ele é apegado ao dinheiro, é do que ele tem mais horror. E eu que ainda não tinha pedido. Eu não esperava que ele fosse preso! Além do mais a Casa Verde não é polícia. Não tem nada que ver com dinheiro nenhum.

QUINTO: Não é polícia, mas está prendendo. (*Cochicha*) Parece que eles vão confiscar os bens dos loucos. É um plano de autofinanciamento, lá da Casa Verde.

SEGUNDO: É? De autofinanciamento? Não me diga... Rapazi!

(*Enfermeiros, trazendo o Palha, entram na Casa Verde.*)

ENFERMEIRO: Por aqui, seu Palha, com jeito, isso.

PALHA: (*Calmo*) Mas eu não fiz nada. Eu não tenho coração de agiota, não é verdade. Nunca tomei juros de ninguém, eu emprestado a todo mundo. (*Chorando*) Não sou um representante do voraz capital financeiro. Não sou, eu sou bom!

ENFERMEIRO: Não chore, seu Palha. Honestamente, eu não sei explicar. O doutor Simão é um grande vulto, mas paga mal e explica pouco. O nosso salário, por exemplo, é uma iniquidade. Só não lhe peço dinheiro emprestado agora – para devolver em trinta dias, ou quarenta e cinco – porque seria iníquo da minha parte. Nesta situação parecia chantagem. E abso-lutamente eu não sou pessoa iníqua.

PALHA: Eu também sou muito susceptível. Mas esteja tranquilo, que não é o caso. Dou de coração, como se estivesse livre. Vou lhe dar até um pouco mais. O senhor vai achar que eu me sinto pressionado? Então vou dar um pouco menos (*olha o envelope*). Acho que o melhor é dar igual. As condições para o diálogo estão difíceis! (*O segundo enfermeiro se adianta*) Ao senhor também, que é companheiro de seu colega. (*Virando-se, vê Mateus, que vem entrando*) Mateus! Que surpresa, como é que você está aqui?

MATEUS: Palha, não faça essa cara melosa de cristão, você mandou executar a minha dívida! Seu judeu!

PALHA: Mateus, que horror! Não pense isso de mim!

MATEUS: Mas então por que estou preso? (*Procurando entender*)

Eu estava ensaiando o meu madrigal que agora aumentou para dez pessoas, viu? Dois castrados! Não era música sacra, mas não era também nada de mais. Aquela modinha que eu compus: "Mateus, Mateus, que olhos os teus".

*
*
*

(Casa Verde, outra sala.)

UM HÓSPEDE: (Com orgulho genealógico) Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu. (Dá uma pancada na testa, um estalo com os dedos e repete.)

OUTRO HÓSPEDE: Mas eu sou o mordomo do rei.

OUTRO: Ordem pela liberdade, liberdade pela ordem. A autoridade não pode abusar da lei, sem esbofetear-se a si própria. A vida dos princípios é a seiva moral das nações. Dai-me boa política, dar-vos-ei boas finanças. Abri passagem aos valentes, homens do poder; eles serão vosso sustentáculo.

UMA NOVA TEORIA

8

Entra a empregada, com o café. Os dois voltam e se sentam.

SIMÃO: Em teoria alcancei delimitar, e irei separar na prática, razão e loucura. *(pausa)* A razão é o equilíbrio perfeito de todas as faculdades. Nada mais. E tudo que for menos que isso é insânia, e somente insânia. A loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

PADRE: O doutor formula como Santo Agostinho.

CRISPIM: De um ponto de vista prático, Sua Majestade, digo o doutor, não queria que eu mandasse anunciar a descoberta? Eu mesmo podia anunciar. Eu grito muito audível.

SIMÃO: Melhor do que anunciar a minha descoberta é praticá-la. Um novo conceito de saúde pública! O equilíbrio perfeito é a impossibilidade do excesso! Não haverá homem de cabelo comprido ou mulher de saia curta. Cada coisa em seu lugar e sem fantasias. Norte não é Sul, escravo não é livre, pobre não é rico, Suíça não é Estados Unidos, e há poucos cientistas verdadeiros. Lê com lé, cré com cré, um sapato em cada pé. Cachorro não mija em gente, e beleza não põe a mesa. Então padre, chegou a sua vez. O que acha?

PADRE: Eu? Mas por que eu? Por que não o Crispim? Eu acho injusto.

SIMÃO: Injusto o que eu disse?

PADRE: Não justíssimo, tudo o que o doutor disse é justíssimo, mas é injusto que seja a minha vez.

(Simão faz sinal de quem não está entendendo e começa a observar o padre com o lorrão. Entra a prima do Palha.)

PRIMA: *(Da porta)* Simão!

(Padre Lopes e Boticário Crispim. Depois Simão.)

CRISPIM: Padre, eu estou com medo.

PADRE: P-p-por quê, Crispim?

CRISPIM: O senhor sabe porque ele mandou nos chamar?

PADRE: Não faço idéia. *(Baixo)* Ele está prendendo até os Intimos. Hoje de manhã foi o Bastião Freitas.

(Entra Simão.)

SIMÃO: Vocês vieram depressa, o que num suíço é raro. *Hoje estou contente.*

CRISPIM: Notícias de Dona Ev-v-v-varista?

SIMÃO: Trata-se de uma experiência científica, mas de uma experiência que vai mudar a face da terra.

OS DOIS: Não diga.

SIMÃO: *(em direção da porta)* Vêm ou não vêm?

(Os dois olham para a porta, um para o outro, levantam e saem correndo.)

SIMÃO: Mariene Palha, a menina mais bonita do Ginásio Gonçalves de Magalhães!

PRIMA: Eu sou prima do Palha, Simão. Como é que você foi prender um homem tão bom! O Padre Lopes está de prova.

PADRE. Hmf, hmf, hmf.

SIMÃO: Mariene, aprovo a estima, a compaixão e os sentimentos em geral, mas a ciência é a ciência, e eu não posso deixar na rua um caso de *mentecaptus dissipator*. Você viu como ele gas-ta?

PRIMA: Por isso não, que não é culpa dele.

SIMÃO: Não?

PRIMA: Não. Foi mau-olhado. Foi um antepassado nosso, em linha reta, um cruzado. Quando ele saía da batalha de Lepanto, um turco sarraceno gritou: Arguiduque, vosso trigésimo primogênito esbanjará a fortuna que me arrebatastes!

(*Pausa.*)

SIMÃO: Não quer falar um pouco a seu primo? (*Quando chegam ao centro da sala, faz um sinal para a porta. Os enfermeiros entram e arrastam a prima. Crispim e o Padre saem correndo.*)

* * *

SIMÃO: (*Sozinho, prostrado*) Talvez não reste ninguém. (*Aos bonecos*) Penso às vezes que são vocês o reduto final da dignidade. A que chegamos! (*Toma distância e chuta um deles, como quem cobra um péndulo*) São o que são, como noutro tempo. Hoje, os homens são isto, mas são também aquilo, trocam de caráter, opinião e desejo como os avós não trocavam de casaco. Não

há mais... autenticidade. Mesmo quando são firmemente reacionários, a gravata nunca é a mesma, e o grande poeta é sempre um óturo. Ninguém diz, como dizia um tio meu, "eu sou uma sanguessuga". Era abrupto, porém reto. E eles são sanguessugas. Você não percebe nem raagem porque são bestalhões, ainda bem. Vão dizer que não são? (*Provoca um boneco aos tapas e cortuões*). Ó. Ó. Mas eu percebo! Madrigal, talheres, elegância, tudo bolero. (*Diante do espelho*) Amarga, amarríssima solidão do cientista! (*Clamando*) Mesmo os padres já não são de confiança! Nada mudou, mas tudo mudou. Você pagam o pato que eles comem, hoje como outrora. Só que agora eles dizem: sanguessuga, eu? Nãão, "eu sou uma alma sensível", ou "que vou fazer, nasci *gourmet*", ou "gosto de combinar colonial e moderno". Mas a minha ciência vai restaurar a verdade. (*Alguns compassos de batucada. Simão cai no samba. Silêncio. Simão se recompõe. Recomeça aos gritos*) Vou curá-los todos, vou moralizar este fandango, não vai sobrar um fricote para enfeitar! Assim como eu digo: você é um animal (*chuta insistentemente um boneco*) e não acontece nada, porque você é um animal. Quero e vou dizer ao chefe deles: você é uma fraude, incompetente e burro; como os seus amigos, que são a mesma coisa, mas afirmam que você é honesto, preparado e inteligente. Quando eu disser isto, vão dizer que estou louco. Aliás, já estão dizendo. Mas eu tenho uma resposta: Se Vossa Excelência não é o que é, isto é, uma sanguessuga enfeitada, este homem talvez não seja também o que é, isto é, um escravo. Não dizeis nada, notáveis de Itaguahy, pois mais vos valem as agruras de uma teoria austera, franca, talvez um pouco policial, como é, modesta à parte, a minha, do que... (*slides visionários*) do que... nem é bom pensar... do que... engole a língua, rapaz... do que... Bacamarte, que horror, psss, cuidado, fala baixo, que visão medonha.

* * *

(*Galvão, seguro entre os dois enfermeiros, aparece diante do alienista. Os enfermeiros galopam no mesmo lugar e relincham. Pausa.*)

GALVÃO: Bacamarte, isto é uma aleivosia! *Palavra de honra* que o meu cunhado é louco. Eu vim colaborar

NÓS NÃO SOMOS BARATAS

(*Os notáveis estão reunidos.*)

ORADOR: (*Falando baixo, mas com ênfase*) Cidadãos de Itaguahy. Nós somos homens de bem, homens de posse.

OUTROS: Pass. Mais baixo. Cuidado.

ORADOR: (*Cochichando, mas com ênfase máxima*) Cidadãos de Itaguahy, nós não somos baratas! Por que então estamos escondidos? Por que, então, pelos cantos da cidade, que é nossa?

(*Aplauso delirante, porém quase inaudível.*)

UMA VOZ: Morra o Bacamarte!

UNISSONO: Morra o Bacamarte!

(*Campainha. Pânico. Entra um velho, o sapateiro.*)

OUTROS: (*Saindo de seus esconderijos, gritando com preséncia*) Apoiado. Muito bem. É isso mesmo Nós não somos baratas. Nós não somos baratas.

ORADOR: Por isso mesmo, nossos movimentos não devem ser frêneticos e tontos, como os do mencionado inseto. Antes seja-

mos disciplinados como a saúva e como ela seremos invencíveis.

OUTROS: (*Unissono*) A saúva é nosso emblemá! A saúva é nosso emblemá!

VELHO: Não quero ser metido. Mas palavra de ordem pior não existe. A saúva é nosso flagelo e vão dizer que os senhores são nosso flagelo.

APARTE: E de certo modo, se permitem a picardia, somos mesmo. Somos o flagelo de Itaguahy, porque não acabamos com o flagelo de Itaguahy.

TODOS: Muito bem!

VELHO: Pretensiosa! Capenga!

O APARTEANTE: Comoi! (*Querendo avançar*)

VELHO: A sua comparação, naturalmente. A saúva nunca flagela o flagelo, ela flagela as plantações. Concedo, por outro lado, que são os notáveis quem desfolha a Suíça, e não vice-versa. Isso aliás é notório, mas não é o aspecto que o notabilíssimo queria salientar. — O que me comove é a inteligência dos nossos homens públicos.

(*Incerteza. Os notáveis trocam olhares entre si.*)

O APARTEANTE: É deboche?

OUTRO NOTÁVEL: Acho que sim, ele estava se referindo a você.

O APARTEANTE: Velho sem respeito, desclassificado! (*Quer bater, mas a turma do deixa disso o segura*) Filho de condições humildes!

O APARTEANTE: Ele quer me bater. Eu mando prendê-lo, você vai ver quem eu sou!

VELHO: Burro. (*Ao orador*) Previno a casa de que esta minha implicância foi apenas pessoal. Quando um bem nascido diz bobagem eu não resisto. Tenho esta fraqueza. Mas estou aqui a título de emissário, dos marceneiros e sapateiros, e contra o voto dos padeiros e ferreiros. Minha credencial (*mostra*). Nós achamos que é hora de uma ação conjunta. Os notáveis pegam o Bacamarte pelo pé, e nós passamos o dito-cujo pela guilhotina.

ORADOR: (*Baixinho*) Meu Deus, onde estamos. Como é que é? Guilhotina, hem cidadão? (*Aproplético*) Fora daqui! Fora daqui! (*Chorando*) Anarquista perigosíssimo! (*Composto*) Hm-hmhm. Precisamos encontrar uma solução alta, um entendimento com Bacamarte.

VELHO: (*Saindo*) Não está aqui quem falou. (*Sai e volta para cantar*)

Crocodilo ou jacaré,
os dois te pegam pelo pé
como aliás o tubarão.
Qual dos três é mais amigo?
Bacamarte ou sapateiro
é outro caso diferente
o Notável pensa bem
diz amém só ao primeiro.
Meu companheiro padeiro
e o companheiro ferreiro
viram melhor do que eu. (*sai*)

NOVO ORADOR: Amigos, sejamos práticos. Vamos deixar de lado a questão do emblema. A prática ensinou que o Dr. Bacamarte não é subornável. E a prática ensinou também que a delação, embora prejudique sempre o delatado, nem sempre garante o delator. Esgotados estes dois recursos, instalou-se o pânico entre os notáveis da cidade. O que fazer? Para mim, a melhor defesa é o ataque. Bacamarte não é nada sem o nosso estipêndio e nosso apoio. Retiremos os dois.

PRIMEIRO ORADOR: Sem nosso apoio, Bacamarte não é nada, está certo. Mas, e nós, sem o apoio de Bacamarte? A ... criatu-

ra, o abscesso que acaba de sair daqui, é um sintoma. Não podemos, por ora, dispensar forma alguma de autoridade. Precisamos do que abominamos, isto é o que acontece.

TERCEIRO ORADOR: Correto. Para questões complexas, soluções complexas. Se cortamos o estipêndio de Bacamarte porque ele não é subornável, parecerá que sobrepomos o nosso interesse ao interesse da ciência. Não é o que nós queremos. Nós queremos que os dois coincidam. Em outras palavras, que a autoridade desinteressada da ciência sustente a autoridade do nosso interesse.

PRIMEIRO ORADOR: Tecnicamente, o problema é simples, é de jurisdição. Precisamos estabelecer quem pode e quem não pode ser estudado e preso pela ciência. Nós não podemos. A ciência é livre, mas não estuda os notáveis.

QUARTO ORADOR: Praticamente, o problema também é simples, é de qualificação. Precisamos estabelecer quem pode e quem não pode denunciar. Nós podemos. E assim como não votam, os incultos também não denunciavam, porque lhes falta critério. Zelar pela limpeza mental da cidade é uma honra. Podemos transformá-la numa espécie de comenda, reservada aos que merecem. Criamos, por exemplo, a Ordem da Casa Verde, que terá o monopólio da delação legítima em Itaguahy.

PRIMEIRO ORADOR: Retomando o meu raciocínio, abominamos Bacamarte, mas precisamos dele. Abominamos a delação, mas precisamos dela. Formidável! Tudo ao contrário!

O NOVO ORADOR: Contra Bacamarte, mas com Bacamarte. (*Conta nos dedos, fazendo porém confusão.*) Contra a ciência, com o povo, pela delação. Ou melhor, ou melhor, com a delação, contra o povo, pela ciência, ou melhor ainda, com a ciência, contra o povo, pela delação. Enfim, sou por uma solução combinada e sobretudo prática.

OUTRO ORADOR: Uma idéia! Façamos um jantar de solidariedade ao Palha. Com isto, não atacamos a Bacamarte, mas trazemos um limite. O Dr. Simão saberá entender.

OUTRO: (*Baixo*) Mas, e se ele vem, e prende todo mundo?

OUTRO: Acho mais politico oferecer o jantar a um *amigo* do Palha. Se for tudo bem, terá sido um desagravo na figura do seu companheiro inseparável, quase irmão-de-leite. Se o Bacamarie vem, é simplesmente para o Bastos, que faz anos. O primeiro passo estará dado, depois as forças se irão somando.

OUTRO: Muito boa, arguta sugestão!

PRIMEIRO ORADOR: Parece que jantamos, na verdade conspiramos, e, conforme for, parece que conspiramos e na verdade jantamos. O Bastos não é o Bastos, é o amigo do Palha, mas conforme for, é o Bastos mesmo. Formidável. Tudo ao contrário.

UM CIDADÃO: (*Sai aos brados*) Eu vou comprar os doces!

OUTRO: Eu vou à estação, esperar o Cel. Trancoso. Ele é de anti-ga família, tem oito irmãos e dará força ao banquete.

OUTRO: Os convites ficam por minha conta.

ENTRA O PADRE AOS SALTOS: Gente, D. Evarista acabou de voltar! A festa é dela. Vamos cativar, enredar, afogar Bécarmarte em nosso apreço, em nossa amizade. Ele não vai mais prender ninguém! (*ao público*) Por sorte o sábio é casado.

A RECONCILIAÇÃO

10

O OUTRO: Se aquilo vira, afoga um elefante.

(*Entra o professor alemão, com chapéu de cozinheiro.*)

PROFESSOR: Che svi le cuizinierr, dirrektamente von la Frange. (*Examina a mesa*) Tout est bien, tout est bien! (*A baixa e levanta a tarraxa, que ao descer, cobre a cadeira da cabeceira*) Sehr gut, wunderbar!

(*Música de bandinha. Perfilam-se todos. Entra D. Evarista, pelo braço do Padre Lopes, seguida pelo cortejo das melhores famílias. Simão, fora da fila, examina tudo e todos e toma notas ativamente. Os enfermeiros estão a seu lado. Flâmulas, flores, aclamações. D. Evarista volta a cabeça para todos os lados, excitadíssima.*)

(*Trabalhadores pregam faixas e bandeirolas no palco. Nas faixas: "As elites em equipe, pelo bem de Itaguahy"; "Ciência e Humanismo"; "Itaguahy é uma grande família"; "Saúde pública = Ciência mais Caridade Cristã". Sobre a cabeceira da mesa de banquete pendem uma tarraxa.*)

UM TRABALHADOR: (*Enquanto prega*) O padre mandou pregar bandeiras à vontade. Ele diz que estimulam a concórdia, valorizam a vida ao ar livre e inibem o senso crítico.

OUTRO: É, ele tem muito expediente. Mandou cobrir essa tarraxa inteira. Vai parecer que as bandeirinhas caem do céu.

PRIMEIRO: Escuta e vê: essa homenagem não é para D. Evarista? Mas o lugar embaixo da tarraxa é do Dr. Simão.

OUTRO: O padre diz que não faz mal, porque o casal é unha e carne.

PRIMEIRO: Que calor! Você está vendo os abutres no céu?

O OUTRO: (*Examinando o firmamento*) Você quer dizer os urubus? Não, não estou vendo nada.

PRIMEIRO: Eu ando muito impressionável. E o tacho de sopa, você viu?

UM TERCEIRO: (*Entrando com cadeiras*) Que tacho, rapaz, inescueível; parece um prédio!

O OUTRO: Se aquilo vira, afoga um elefante.

(*Entra o professor alemão, com chapéu de cozinheiro.*)

PROFESSOR: Che svi le cuizinierr, dirrektamente von la Frange. (*Examina a mesa*) Tout est bien, tout est bien! (*A baixa e levanta a tarraxa, que ao descer, cobre a cadeira da cabeceira*) Sehr gut, wunderbar!

(*Música de bandinha. Perfilam-se todos. Entra D. Evarista, pelo braço do Padre Lopes, seguida pelo cortejo das melhores famílias. Simão, fora da fila, examina tudo e todos e toma notas ativamente. Os enfermeiros estão a seu lado. Flâmulas, flores, aclamações. D. Evarista volta a cabeça para todos os lados, excitadíssima.*)

PADRE LOPES: Palmas para Dona Evarista mulher do genial Bacamarte parece retrato de artista tão viajada, elegante e esmarte.

E palmas para o grande Bacamarte firme esposo da oxi-tona Evarista que Deus o guarde de qualquer enfarte e contra o cancro lhe proteja a vista.

(*Palmas*)

UM NOTÁVEL: A cidade abraça os seus filhos dietos, de quem só espera o bem.

EVARISTA: Não esqueço, nem esquecerei, nem esqueci, que nasci em Itaguahy.

(*Palmas*)

TODOS: Bravo!

PADRE: Que desenvoltura estupenda! Logo se vê donde chega D. Evarista!

TODOS: (*Dirigidos pelo padre*) Da-côrr-tchhh!

EVARISTA: O Rio de Janeiro é a cousa mais bela do mundo.

PADRE: Deve estar moderníssimo. Já era, quando eu estive lá.

(*Cai do teto uma colossal pedra, que quase mata Simão Bacamarte. Rebolico, imediatamente abafado.*)

UM: Que horror!

OUTRO: Um acaso fatídico.

OUTRO: Quem pendurou esta pedra no teto?

OUTRO: Um verdadeiro acidente natural!

OUTRO: Mas parece que não surtiu efeito.

PADRE: Não foi nada. NADA. E o passeio público, D. Evarista?

EVARISTA: (*Assustada*) O passeio público é lindo, o senhor não imagina.

PADRE: Ouvi falar num chafariz das marrecas.

EVARISTA: (*Anima-se ao ver que o esposo já se apunhou e posa para fotografias*) Lindíssimas, feitas de bronze. São marrecas mesmo. Despejam água pela boca. O bico da pata é a bica do chafariz, no dizer de um poeta.

PADRE: Hoje dizem que tudo é relativo... Mas Itaguahy também não é feia.

EVARISTA: É. É mais sossegada.

PADRE: Tem belas casas. A casa do Mateus, a Casa Verde. A senhora, aliás, vai achar muito cheia a Casa Verde.

OUTRO NOTÁVEL: Mas em absoluto compartilhamos as versões populares, segundo as quais o seu marido é um louco, dos perigosos.

PADRE: Estão lá o Mateus, o Palha, a prima do Palha, o Galvão, o Bastião Freitas, Bentinho Fantásio, Fausto Rapozim, Nequinho Juventa, o Mané Constância; D. Lúcia do Fantásio e D. Lúcia do Lemão Parado; D. Carmo, que é aquela por quem o Lemão e o Fantásio se pegaram, o próprio Lemão Parado, o Flávio República e o Sérgio Matéria-Plástica. O Gabriel Bolacha, o Paulo Tilião.

EVARISTA: Tudo isso doído? Que coisa. Padre, o que vem a ser "oxitona"?

PADRE: Doído acho que não; quase doído, vamos dizer assim. Oxitona refere-se ao acento. Entre nós é um acento fora do comum.

EVARISTA: Um acento excepcional? Padre! Seu pirata!

UM CIDADÃO: (*Noutro ponto do palco*) Bacamarte não é um torcionário a serviço das classes notáveis!

OUTRO: Grito não é prova, e seja mais claro. Ele é torcionário, mas não a serviço dos notáveis, é isso? Um torcionário em causa própria. — Ou não é torcionário?

PADRE: (*De joelhos*) Clemência, D. Evarista, peça clemência ao implacável Bacamarte! A senhora é a esperança derradeira da Itaguahy tradicional. Seja nossa madrinha! Entre os horrores da anarquia e os rigores da ciência aplicada, o melhor cidadão perde o apetite, para não falar do sono. Sabemos que o cientista, como o comerciante, abomina o abatimento. Mas o perdedor, quando é amorosamente obtido, pela própria esposa: do especialista, não diminui, mas acrescenta a glória do saber. Interceda por nós! E, veja bem, não se trata de um perdão indiscriminado. Quem pede humildemente são somente os pro-

prietários, acuados pela inveja clamorosa dos despossuídos. Entre parêntesis, o que se concede em brandura dum lado, pode-se compensar a ferro e fogo do outro. — Os desabrigados, cujo modo errático de viver espalha incerteza pelas ruas, lançam-nos tijolos, transformam em vigília, em dura vigília, as noites do cidadão zeloso. Eles sim, na sua leviana, e porque não dizer arrogante, irresponsabilidade, merecem o rótulo da loucura. Mas nós! D. Evarista, como anjo de bondade eficaz, ponde este sedativo na sopa do sábio. Dará um fim à luta interna que abala esta cidade.

(Pausa.)

EVARISTA: (Aceita a pastilha) Está bem. Serêi vossa madrinha.

(Pausa.)

UM NOTÁVEL: (Estático) Já temos madrinha, haverá clemência, não há mais impasse, ta-ra-ta ta tá

CONSCIÊNCIA DE CLASSE!

(*Enguanto isto Simão posava para fotografias na outra ponta do palco. Música. Vão todos para a mesa, dizendo "vamos jantar" com entonações as mais variadas. Sentam-se. O professor alemão puxa uma cordinha para soltar a tarrafa, que não cai.*)

PROFESSOR: Eng-Kreng-Khoou! Mas tenho uma takhape!

(*Enfiada de brindes.*)

UM: A esposa do novo Hipócrates!

OUTRO: À musa da ciência!
OUTRO: Anjo! Divinal Aurora!

OUTRO: Caridade! Vida! Consolação!

OUTRO: Traz nos olhos duas estrelas!

OUTRO: No meu conceito são dois sóis.

(Pausa.)

SIMÃO: Evarista, estes arrojos são de retórica.

EVARISTA: Eu sei, Simão. 90% não têm fundamento.

MARTIM BRITO: DEUS fez a mulher e fez o homem. Para eles fez o dia e fez a noite. E finalmente, quando quis vencer a si mesmo, isto é, a tudo que já fizera, criou D. Evarista. (*Sentase, de pernas cruzadas.*)

TODOS: — Muito bem! — É isto mesmo! — Tirou-me o pensamento da boca!

UMA SENHORA: Hipócritas! (*Desmaia de ressentimento.*)

SIMÃO: (*Levanta-se, parece que vai cumprimentar Martin Brito*) Improvisio brilhante. Rasgos magníficos. (*Dá-lhe uma pancada seca no joelho, a perna dá um salto descomunal. Simão anota no caderninho.*) Diga-me, a idéia relativa à criação de D. Evarista é sua mesmo? Não é de algum clássico?

MARTIM BRITO: Absolutamente, é minha. Occorreu-me na ocasião, achei adequada a um arroubo oratório. De resto, as minhas idéias são antes arrojadas que ternas. Tendo para o épico. Certa vez, escrevi uma ode ao Marquês de Pombal, em que o ministro era o "dragão asperímo do nada", esmagado pelas "garras vingadoras do todo". E, assim, tenho várias idéias, todas mais ou menos fora do comum.

SIMÃO: Formidável. Formidável. (Indica Martin Brito aos enfermeiros, que entram zurrando colossalmente e saem com ele arrastado, galopando em espiral).

(Silêncio.)

UMA VOZ: Prenderam Martin Brito!

EVARISTA: (Dirige-se em direção do marido, a quem agarra e sacode pelos cabelos) Um moço com idéias tão bonitas! Seu carrasco!

(Os enfermeiros entram novamente, desta vez sem relinchar, e levam o professor alemão, que vinha se achegando a Bacamarte de tacape erguido. Mal acabam de sair, entra um bando mulambento, pega a toalha da mesa pelas pontas e carrega todo o banquete. As famílias de Itaguahy estão estateladas.)

UM: Eles vão levar o nosso banquete!

OUTRO: O nosso banquete!

OUTRO: Eles vão comer o nosso banquete!

(Um cidadão alcoolizado sobe numa cadeira e discursa para a rua vazia.)

CIDADÃO: Nossos ricos são muito ricos, nossos proeminentes muito proeminentes. Sinto, sinto que lhes falta o calor humano. Se estivessem pendurados, talvez ouvissem com mais vigor as nossas queixas. *(Desce da cadeira e sai trocando as pernas)* Se estivessem pendurados seria outra coisa, tenho quase certeza.

(Entram dois notáveis.)

UM: É sobre-humano. Eles não dormem! Ontem, quando fui deitar, estavam na rua gritando. Hoje cedo estavam lá, gritando outra vez.

OUTRO: Talvez não sejam sempre os mesmos.

O PRIMEIRO: É, pode ser que não. Têm todos a mesma cara. Mas nesse caso são mais numerosos.

O OUTRO: Para mim isto cheira a pólvora. Eu vou para casa, enquanto estão desarmados.

(Entram cinco, marchando.)

EM CORO: Capacho dos ricos, tirano dos pobres. Capacho dos ricos, tirano dos pobres.

UM DOS CINCO: O arsenal! Vamos achar o arsenal!

O OUTRO NOTÁVEL: Vem! Vem!

O PRIMEIRO: Só mais um bocadinho. É um dia histórico.

(Entram mais pessoas.)

UM: Bacamarte é um déspota, um violento!

OUTRO: Um Golias!

OUTRO: Um caga-regras enfunado!

OUTRO: Bacamarte é um Nero, um verdadeiro Calígula!

(Volta o primeiro cidadão, sobe na mesma cadeira e começa o mesmo discurso.)

CIDADÃO: Nossos ricos são muito ricos e nossos proeminentes muito proeminentes.

(Silêncio.)

ALGUÉM: Isso é verdade e me comove até as lágrimas. *(Vai, arranca e quebra um dos cartazes edificantes da festa de reconciliação).* Quando me comovo, em geral, quebro alguma coisa.

CIDADÃO: Sempre senti que lhes falta o calor humano.

OUTRO ALGUÉM: Também isto é verdade. São frios como um peixe morto. Eu, por exemplo, considero o meu patrão como

a minha segunda mãe. Mas ele não corresponde, jamais respondeu.

UM TERCEIRO: E isto, companheiros, nos comove e deprime profundamente. (*Quebram várias coisas encontradas no palco.*)

(*Silêncio.*)

UM QUARTO, SENTADO NO CHÃO: Que tristeza, meu Deus, que tristeza abjeta! Vamos fazer alguma coisa, (*berrando*) e vai ser depressinha! (*bate com os pés no chão.*)

(*Pausa.*)

OUTRO: Se eu fosse poeta, acharia palavras para o meu ressentimento.

OUTRO: Ninguém exprime os nossos sentimentos mais baixos. (*Ao público*) Vocês não imaginam como está o nosso saco. O inverno foi duro, o verão foi seco e não deu nada; isto é chato, é chafissimo. Se eu não me exaltar imediatamente, vou ficar deprimido.

BARBEIRO CANJICA: (*Subindo a uma cadeira, brada; não tem eco*) Paz aos nossos lares, guerra à Casa Verde!

UM DOS ANTERIORES: (*Meditando*) Nós vamos derrubar a Casa Verde, não tem dúvida. Mas acho que não vai ser suficiente. O que estou sentindo é uma azia complexa, geral, exigente, uma azia d'alma.

OUTRO DOS ANTERIORES: Eu quero... vingar o meu saco, o do meu pai, dos meus avós. Eu quero vingar o saco da minha classe social.

UMA VOZ: Paz aos casebres, guerra aos casarões!

TODOS: (*Uníssono*) Paz aos casebres, guerra aos casarões!

O BARBEIRO: Paz aos nossos lares, guerra à Casa Verde!

UMA VOZ: Nada disso. Paz aos casebres, guerra aos casarões!

BARBEIRO: Exatamente. Marchemos sobre a câmara dos notáveis!

UMA VOZ: Viva o Barbeiro Canjica, o nosso porta-voz!

BARBEIRO: (*Sempre sobre a cadeira, agradece o aplauso*) À câmara!

(*Aplauso.*)

VOZES: Marchel! Ao assalto!

UM PREGADOR: (*Corre à frente da massa e sobe numa cadeira, excitadíssimo*) Irmãos, pelo que é santo, esperai! Escutai: Dá-niel, na furna dos leões, não foi morto nem comido. Por quê?

UMA VOZ: Porque ele estava magro. Olha a frente!

O PREGADOR: (*Aplica o pé ao peito de seu contendor, que vai parar na outra ponta do palco*) Blasfemo, ostra podrei! Não foi comido porque o anjo de Deus impediu. Quem invoca o nome de Deus é salvo, aleluia! Deus é nosso abrigo, e não a força!

ODA AZIA: Lógico, lógico. Enquanto que o abrigo dos notáveis é a força e não Deus. Se não contássemos estas histórias, não sentiríamos esta azia, anormal em quem não almoçou. Meu santinho, NÃO SEJA CRETINO!

BARBEIRO: No momento, a paz convém: do lado de lá, a todos do lado de cá, só aos medrosos.

(*Silêncio.*)

O PREGADOR: Guerra aos casarões! Guerra aos casarões! (A-

plauso. Ele sai correndo, volta, e recita.)
Sou homem de gabinete
mas é dia do cacete.
Vou buscar meu capacete.

*
*

(Do outro lado do palco, assembleia dos notáveis.)

UM NOTÁVEL: Repito, vamos depor Bacamarte, antes que o povo o derrube. Pois se a própria multidão depõe Bacamarte, parecerá que não precisam de nós. Podem pensar mesmo que não servimos para nada. E, neste caso, como ficaria a nossa cidade? Acéfala!

OUTRO NOTÁVEL: *(De vigia, sobre uma cadeira)* Calma, calma! Não corram! Eles nos elegeram, não vão nos fazer nada!

(Chegam o Barbeiro Canjica e seus seguidores.)

MULTIDÃO: O poder está nas ruas! O poder está nas ruas!

BARBEIRO: *(Adianta-se)* Tenho mandato do povo sublevado, eu, Barbeiro Canjica, para destruir a Casa Verde. Simão Bacamarte deve ser preso e deportado.

UM NOTÁVEL: Coincidência das coincidências. É o que dizíamos neste recinto; é a minha opinião também.

O PRIMEIRO NOTÁVEL: Quietos, seu... Não dizíamos nada disso. Barbeiro, desde quando o povo sublevado emenda a ciência? A ciência não se emenda a voto, muito menos a grito. Voltai ao trabalho, é o conselho que vos damos. A ciência é como Deus e a ordem social: uma instituição intocável.

(Silêncio.)

BARBEIRO: *(De chapéu na mão)* Vossa excelência não compreendeu, levou a mal. Vossa Excelência...

UMA VOZ NA MASSA: O barbeiro deu para trás! Não vai acontecer nada. Companheiros, não vai acontecer nada!

(Sai alguém da massa e imita um notável, com gestos e entonações grandemente exagerados.)

O IMITADOR: Como não? De-e-e-eixe por nossa conta, por conta dos nota-a-a-áveis! Fi-i-i-ique mansinho! Com paternal carinho e jeito acalmare-e-emos Bacamarte. Mas dentro da lei. E enquanto isto vocês trabalham, vão adiantando o expediente. Ou vocês querem ganhar sem trabalhar? Nós somos os dirigentes, as classes produtoras. Se vocês não correspondem, prejudicam a produtividade, o *ouipui* do nosso esforço.

OUTRO IMITADOR: Quem é este mogo? Fala bem, coisas justas.

O PRIMEIRO NOTÁVEL: Oh, Oh, Oh. Quanto espírito. Entretanto, um notável pode fazer o mesmo. *(Toma as atitudes mais contorcidas, para ridicularizar o que diz)* Eu quero pão, sem pão não posso viver! Escola para a minha filhinha, tão magrinha! Onde vem todo o mal? Do Senegal, e dos notáveis. E se eu for preso, porque sou ladrão, minha família como ficará? Abaixo a repressão! De pé, ó vítimas da fome! De pé!

O IMITADOR ANTERIOR: *(Interrompendo)* Quem é este mogo? Fala bem, coisas justas! *(Inicia o aplauso.)*

(A multidão aplaude, e agarra o notável para erguê-lo aos ombros.)

O NOTÁVEL: Não me linchem, NÃO! Eu não faço mais!

A MASSA: (*Unissono*) Ele-é-dos-nossos! Ele-é-dos-nossos!

ALGUÉM: (*Adiantando-se*) Um caso raro. Deixou os privilégios de sua classe para unir-se aos oprimidos. Contra o seu próprio interesse, afirmou que precisamos de pão. É a favor das escolas, apesar de tudo. E abandonou a teoria clássica, segundo a qual todos têm um pouco de culpa e um pouco de razão; na opinião dele a culpa é inteira dos notáveis e do Senegal. Um homem extraordinário!

A MASSA: (*Lançando o notável três vezes aos ares*) Ele é bom! Ele é bom! Ele é bom!

O NOTÁVEL: (*Choroso*) Houve um mal entendido. A minha intenção era outra!

A MASSA: (*Uma voz para cada linha*) Mas qual? qual? fala, homem, fala!

nada nos interessa tanto quanto saber ao certo qual era essa intenção. Não vá nos decepcionar!

O BARBEIRO: (*De chapéu na cabeça, aos notáveis*) Senhores, é enorme a nossa irritação, como vêem. Há circunstâncias em que ninguém responde pela massa. Bacamarte será deposto imediatamente, se for necessário à força. À frente estarão a câmara e o representante do povo, que sou eu. Em seguida governaremos em conjunto. Uma forma renovada de democracia.

ALGUÉM: O barbeiro já está se vendendo outra vez. Não vai acontecer nada, e eu vou para casa.

VÁRIAS VOZES: (*Cantando*) O barbeiro não é mais aquele.

OUTRA VOZ: Pssiu! Silêncio, que ele está negociando.

OUTRA VOZ: (*Cantando*) Barbeirinho, não vá nos enganar!

O BARBEIRO: (*Tira o chapéu*) O que eu ofereço é uma revolução

sem revolução! (*Bate num boneco*) Sai daí! O que eu ofereço, repito, é uma revolução sem revolução.

(*Silêncio.*)

UM NOTÁVEL: O que o barbeiro nos oferece não é pouco, não muda nada, mas mesmo assim é demais. Eu reconheço que o barbeiro transformou-se muito nestes minutos. Ele agora é claramente pela ordem. Mas o passado pesa. Ele não diz: ordem, como nós. Ele diz: revolução sem revolução. É prejudicial. Há palavras assim, que tumultuam. Mal se pronunciam, é como um cachorro que ouve o nome. As esperanças mais vulgares e indesejáveis, relativas à felicidade terrena vêm logo pulando. Então, melhor não dizê-las. Por outro lado, se é pela ordem, por que quer o barbeiro governar?

BARBEIRO: Verdadeira multidão de Itaguahy! Mobilizando esta grande massa, tentei levar a razão aos notáveis. Falhamos. Fomos excessivamente cordatos. Entretanto, se a invejável gramática dos notáveis – oh povo de Itaguahy – garante, sim, que estiveram na escola, não garante que defendam nosso interesse. Justamente acabamos de ver, com lágrimas nos olhos, como espezinham, mesmo a um vira-casaca, se for barbeiro. Recusam-me um lugar no governo! é intolerável. Povo de Itaguahy, faremos nós o que os notáveis não fazem. Assalteemos a Casa Verde!

ALGUÉM DA MASSA: Eles são inteligentes demais, acabam mesmo nos enganando. Agora, por exemplo, o barbeiro nos convenceu de que estaríamos no governo se ele estivesse lá. Mentira dele. Mas talvez seja por caridade, é o que eu penso às vezes. (*Meditabundo*) A ciência parece que já provou, ou vai provar, a inferioridade das raças populares. Que humilhação para nós, já pensaram? (*Hipotético*) Neste caso o barbeiro, que é, possivelmente, um notável disfarçado, *faria de conta* que nos engana e explora, para dar-nos a ilusão de que somos homens iguais aos outros, embora vítimas da injustiça social. Assim, contentes, pois o ressentimento de classe é sempre mais agradável que a inferioridade racial, faríamos o nosso trabalho de animais de carga. Mas reconheço que tudo isto é um pouco especulativo.

OUTRO: Fato é que o Canjica mudou. Eu vou para casa jogar xadrez.

OUTRO: Não vá. Durante a baixa é preciso ser forte. *(Sem convicção)* Barbeiro no governo! Barbeiro no governo!

OUTRO: Este barbeiro me impacienta. VIVA O CANJICA, GUERRA AOS CASARÕES!

*
*

(Bacamarte, a massa e o barbeiro, de frente da Casa Verde. Depois, os dragões do rei.)

MASSA: *(Em uníssono)* O passado nos ensina:
Bacamarte na latrina.

BACAMARTE: *(Acuado contra a parede)*

É injusto! Injusto e inoportuno!
Escutem, para a ciência os homens são todos iguais!
Também a ciência luta contra o privilégio!
Sabem, querem saber, a proposta que ouvi dos notáveis?
Propõem que a ciência estude e prenda
miserváveis somente, nunca proprietários.
Mas a ciência não conhece o oportunismo
e a exceção. Pela ciência, pela igualdade
VAMOS ASSALTAR A CÂMARA!

ALGUÉM: Viemos depó-lo, e ele quer ser o nosso chefe.

OUTRO: É um grande homem, não tem vergonha alguma.

OUTRO: E o seu passado é impressionante. Os notáveis puseram veneno em seu copo. Um agente estrangeiro veio partir-lhe a cabeça. Um rochedo caiu tarde em seu caminho.

OUTRO: Um inimigo dos notáveis, e difícil de matar. É um homem recomendável.

OUTRO: Mas todo inimigo dos notáveis é nosso amigo?

(Clarim.)

BARBEIRO: Os dragões!

(Os dragões. O seu chefe está vestido de índio.)

O CACIQUE: *(Aos dragões, que se alinham)* Atenção! *(À massa)*
Onde fica o puteiro nesta cidade

BARBEIRO: Nossa causa é justa, não nos dispersaremos.

CACIQUE: Preparar! *(Os dragões põem as mãos na cintura)*. Mas não tem puteiro nesta cidade?

BARBEIRO: Não disparem, é o povo!

BACAMARTE: Os dragões do rei! o rei
garante a ciência contra
os homens de baixa extração social!
As águas sujas
finalmente voltarão
ao esgoto. Dragões do rei!
As águas sujas estão fora
do seu lugar no esgoto!

CACIQUE: Fogo!

MULTIDÃO: *(Uníssono desanimado)* Estamos fritos. Estamos mortos.

UM DRAGÃO: Nesta peça não há tiro e ninguém morre. Só trouxemos as espadas.

(Todas sacam as espadas.)

ALGUÉM: É a vantagem do assunto antigo.

CACIQUE: Não têm de que rir! Eu mandei atirar! Não me faltou coragem nem civismo. Em condições ideais, estariam reduzidos a mingau. Carreguem de espada!

OUTRO DRAGÃO: Eu não.

CACIQUE: Por que não? Mas você é um criminoso! Matem o criminoso!

OUTROS DRAGÕES: Que esperança! Vejam só. Leviano. (*Uníssono*) O nosso cacique não vale nada. (*Passam-se para o lado da multidão, que afronta Bacamarte e o cacique*).

(*Música. Marchinha breve.*)

UMA VOZ: Estamos no poder, não é?

BARBEIRO: Sujo Simão. Dizia-se defensor da igualdade, mas era asseca dos dragões do rei.

UM DRAGÃO: Pode falar. Nós não somos mais do rei.

UMA VOZ: Paz à senzala, guerra à Casa Grande!

OUTRAS VOZES: Paz à senzala, guerra à Casa Grande!

OUTRA VOZ: E essa agora, o que é?

BACAMARTE: É o dilúvio. Os abolitionistas.

BARBEIRO: Povo de Itaguahy! A nossa frente, histórica desde já, comporta no máximo escravistas de esquerda. Abolicionistas não. Quem falou? (*Adianta-se um tipo, de punho erguido. O professor alemão vem por trás e amassa-lhe a cabeça*). Dr. Bacamarte, lá para dentro. Logo falaremos.

*
*

(*Na outra ponta do palco, o barbeiro e Bacamarte.*)

BARBEIRO: Trate-me por Excelência, pois todos os homens são iguais.

BACAMARTE: Vamos tratar-nos por você; é mais íntimo.

BARBEIRO: Esta conversa é informal. Salvamos a Casa Verde?

BACAMARTE: Mas eu queria oferecer o prédio ao governo popular!

BARBEIRO: Bacamarte, apelo para o seu patriotismo. Amadureci muito, ultimamente. A generosidade do povo é um mito, creia-me. Inveja e materialismo, é tudo que encontrei. Não vejo outra saída. Talvez, talvez o terror da Casa Verde possa ainda infundir respeito, algum sentimento nobre na massa dos descontentes. São de uma inconstância!

BACAMARTE: Quem leu História sabe. Aclamam pela manhã e enforcam ao cair da tarde.

BARBEIRO: Excelência, eu sou um pobre barbeiro, tenho só dois escravos. (*Chorando*) O abolitionismo.

*
*

(*Notro canto do palco, a multidão. Depois os dragões e os notáveis.*)

ALGUÉM: O barbeiro está vendido, está no bolso de Bacamarte!

OUTRO: O oportunismo político de um combinou-se ao despotismo científico do outro.

OUTRO: Será uma ditadura nauseabunda.

UNISSONO: Fora os dois!

OUTRO: Viva a Abolição!

OUTRO: Abaixo os notáveis e fora o Senegal, isto é, abaixo o trabalho escravo. Abaixo o barbeiro e abaixo Bacamarte, isto é, abaixo os ideólogos do escravismo. Viva a República e viva a Abolição!

MULTIDÃO: Viva a República e viva a Abolição!

(Clarin. Entram os dragões, seguidos pelos notáveis.)

NOTÁVEIS: Pedro Álvares Cabral! A estratosfera! O passado e o futuro!

A mãe! O pai! Goiabada feita em casa! E os avós!

CACIQUE: Trovão, faça barulho!

(Colossal trovada. Na multidão, metade cai de costas, fulminada, a outra metade cai de joelhos, fazendo grandes mesuras. Os notáveis caem todos de joelhos, em sinal de afinção ideológica. De dentro da Casa Verde sai Bacamarte, corado. A seu lado forma o barbeiro, já preso entre os dois enfermeiros. Do outro lado, três enfermeiros novos.)

BACAMARTE: Este é o momento culminante da história de Itaguahy: a entrada na idade moderna. Aplicaremos, sem desfalhecimento, além de minha própria teoria, a teoria econômica do Padre Branquinho Teixeira Gonçalves, meu pranteado mestre e figura humana incomparável.

12

3/4 PARTES DA POPULAÇÃO ESTÃO PRESAS.
O REGIME BACAMARTE

(Slides: Uma grande impressão digital. Fotografias arbitrárias de pedaços de página de lista telefônica, A, B, C, D, E, F. Gritos estilizados. Relinchos.)

UM CORAÇÃO DILACERADO: Então eu disse pra ele que o amava. Ele me deu um repelão e disse: desgraçada, você não se dá conta que eu sou casado? Eu disse que sabia, mas que a mulher dele não tinha merecimento. Ele não conhecia a criatura que ela era. Era uma vitoria guardada junto ao seio. Eu gritei: sabes tu o que outro dia atrás da porta eu ouvi ela dizer? Antes não saibas, pois meu amor por ti é tamanho, que sofro só de imaginar que podes ter pena dela. Querido, não pensarás mal de mim quando souberes o que eu contei para um amigo recente que ultimamente se infiltrou na minha intimidade? Ai, perdoa-me André! (*Prantos*).

* * *

(Dois tipos afritos na rua. Noite.)

UM: Eu tenho um tio ali na esquina. Vamos até lá, para pensar.

(Batem à porta.)

TIO: (*Entreabrindo*) Meu sobrinho e seu melhor amigo! (*Abre*) Vamos entrar. (*Pensa melhor, barra a entrada com o corpo, sai e fecha a porta atrás de si*) Melhor, vamos conversar aqui fora. (*Entra outra vez, e fala pela fresta*) Eu estou com gripe. Você precisa de alguma coisa? (*Fecha*).

(Pausa. Música delicada e saliente.)

O PRIMEIRO: Fuja para o Brasil!

O OUTRO: Mas eu nem sei onde fica.

O PRIMEIRO: O Brasil é diferente. O Brasil não é deste mundo. Se eu contar você não crê. No Brasil, não há luta de classes. É proibida por lei, na própria constituição! Lá, os brancos e os escravos negros dão-se perfeitamente. Portanto no Brasil não há conflito racial. Você sabe lá o que é isto? Meu velho, o Brasil é um cadinho de raças, tradicionalmente avesso às soluções violentas!

O OUTRO: Se eu escapar desta, é no Brasil que eu vou viver.

* * *

(Entram dois lumpen-dragões, Puquepá e Fidapu, um por cada ponta do palco. Muleta, perna de pau, tipóia, tapa-olho etc., e mais bagagem. Estão armados até os dentes.)

FIDAPU: Puquepá!

PUQUEPÁ: Fidapu! Não é possível!

(Os dois abrem os braços. Um perde o equilíbrio, o outro a mula. Aprumam-se e avançam laboriosamente até o aperto de mão.)

PUQUEPÁ: Mas você não estava na Paquidémia do Sul?

FIDAPU: Estive. Para ser franco, julguei que você estivesse na Turôândia Central.

PUQUEPÁ: Estive também. Mas agora estou aqui. Aliás, deve haver muito mais gente chegando.

FIDAPU: Portanto, viemos fazer a mesma coisa, oferecer Know-how. Concorrência. Você chegou hoje?

PUQUEPÁ: Agorinha mesmo. Não é mais como antigamente, hem? Hoje as notícias voam.

FIDAPU: É. O que eu soube é cristalino. Um regime conservador, e métodos científicos de governar.

PUQUEPÁ: E como a ciência não se aplica a si mesma, vão precisar de uma tropa de práticos experimentados.

FIDAPU: No fundo as coisas são simples, e sempre iguais.

PUQUEPÁ: É. Também acho. Isso me conforta, sabe? Na minha idade...

FIDAPU: Eu também não sou mais o mesmo. Você me viu andando?

PUQUEPÁ: Eu notei. Parece uma aranha a que falta uma perna. E eu, que perdi um olho, defendendo a legalidade no Ultramar. Diga, na Paquidémia a situação legal não era muito clara, era?

FIDAPU: Formalmente não. Mas o conteúdo da luta era o mesmo. O paralelismo é perfeito. Minha perna também ficou lá.

(Pausa.)

PUQUEPÁ: Você já observou que nós hoje formamos uma espécie de Internacional? Como a igreja, na Idade Média, que era ecumênica.

FIDAPU: É um progresso. Mas eu tenho saudade dos combates antigos, eram mais pessoais. Hoje é tudo a distância.

PUQUEPÁ: Isso é. Os métodos, as técnicas novas. Você se especializou?

FIDAPU: Um pouco, depois de perder a perna. Senão ia ficar sem emprego. Fiz um curso de organização de fichários, e outro de identificação do inimigo pelo cheiro.

PUQUEPÁ: Boa idéia, esta última. Eu podia fazer também, acho que não puxa muito pela cabeça. Eu ando um pouco afilto para me atualizar, sabe? Agora que eu estou um trapo, tenho medo de não servir para mais nada.

FIDAPU: O que é isto. Com a tua experiêncial! Vão te dar um cargo de direção.

PUQUEPÁ: Deus te ouça. Minha combatividade ainda é a mesma.

(Pausa) Você não fez fortuna?

*
*
*

(Uma cigana para um cidadão que vinha passando. Ao fundo um enfermeiro passeia para baixo e para cima.)

CIGANA: Buenos dias, caballero, io so una tzigana. O signor é di Buenos Aires? A nó? Io também nó. Semo compatriota então, eh? Mostra as mão, qui eu vou lê um pouco a sua fortuna. Num qué mostrá? Caballero, mostra que sínó voi a gritar, e

quando grito abastanza, viene a polizia e sapete que a polizia oggi es un carajo. Tem uma loira e uma morena. A loira lhe quer bem e a morena é invejosa. (*Meie a mão no bolso do cidadão*) O número da sua carteira de identidade termina em 25. Eu sabia. Põe 25 contos de réis aqui, em cima da minha mão. Faço noves fora cos número da série, pá ver quantos ano o caballero vá viver. Põe que senão eu grito. 13, noves fora 7. Meu amigo, o seu destino é softivel. Podia ser melhor. Eh Valderez, espera aí! (*Põe o dinheiro no bolso, arranca o guarda-chuva ao cidadão e alcança o enfermeiro, que assistia à cena. O enfermeiro abre o guarda-chuva, e saem os dois de branco*).

HAPPY END

13

*
*

UM NOTÁVEL: Senhores, mediante a resoluta aplicação do princípio da passividade progressista levaremos até o fim a nossa decisão de viver em silêncio e prudência inquebrantáveis, enquanto for necessário. Não diremos ou faremos nada de perigoso! Em questões de princípio, encontram-nos inflexíveis. Ademais, a coerência é a marca do grande espírito.

(*Assembleia dos notáveis.*)

UM NOTÁVEL: Nas atuais circunstâncias, não podemos garantir a integridade física de Simão Bacamarte. Ele que se vá.

OUTRO: Você está querendo enganar alguém? Você acha que o Bacamarte precisa de nossa proteção?

O PRIMEIRO: Então vamos dar cabo dele, para corrigir essa arrogância.

VÁRIOS: Um atentado!

OUTRO: Não adiantaria nada. O que nos oprime é uma estrutura social, e não um homem. Entra outro no lugar de Bacamarte, e fica tudo na mesma.

OUTRO: Cultura alienada é irremediável. Hoje, até os negreiros são marxistas. Esse argumento, oh! é o argumento dos oprimidos numa sociedade de classes. Para eles, na verdade, tanto faz quem está oprimido, o que interessa é acabar com a opressão. *Conosco é diferente*, compreendeu? Nós somos as classes dominantes numa sociedade *sem* classes. Nós mesmos podemos substituir Bacamarte, e neste caso deixaremos de ser oprimidos.

OUTRO: Pode ser, mas eu tenho horror à violência entre brancos. Prefiro dez Bacamartes a uma revolução. Por que não pedimos a Bacamarte a humanização de seus métodos? é melhor

que combatê-lo. Por exemplo, em lugar de prender aos poucos, ele poderia prender os loucos todos – de uma vez só. Depois, em compensação, deixava a cidade em paz.

OUTRO: Quer dizer que no fundo, nós estaríamos de acordo com Simão Bacamarte?
Só discordamos no método, e portanto quase não somos diferentes dele.

OUTRO: É o jeito. Você não sabia disso?

O ANTERIOR: Mas nós vamos subscrever tudo? Estes mercenários manetas que estão por aí, e até a chacina do cacique Trovão?

O OUTRO: Mas você mesmo foi lá, gritar.

O ANTERIOR: Eu fui, mas só explicitamente. Implicitamente eu fui contra. Aquele massacre foi verdadeira bofetada nos direitos do cidadão.

OUTRO: Estas coisas é melhor não dizer.

O ANTERIOR: Por quê? Está com medo? Nós devíamos é ter apoiado o Canjica, e agora não estaríamos assim, de quatro.

OUTRO: Perdão, o endereço do amigo qual é?

(*Silêncio.*)

O ANTERIOR: (*Elegíaco*) Mas vocês acham mesmo que nunca mais Itaguahy será uma grande família? Que não voltarão os dias festivos, quando opressores e oprimidos, fraternalmente, esperavam a manhã?

OUTRO: Psss. Não diga estas coisas.

O ANTERIOR: Mas então não vai sobrar nada? Eu só vou ganhar dinheiro? Assim eu não quero.

OUTROS: É. Vai ser assim mesmo. Triste, hem?

(Silêncio. Desânimo geral. Entra o Padre, vidrado de emoção.)

PADRE: Deus existe! É assombroso! Escurem! (Lê) "Proseguindo em meus estudos, cheguei à conclusão de que o desequilíbrio das faculdades mentais é a norma, e portanto normal, enquanto que o equilíbrio perfeito é raríssima exceção, e portanto aberrante. Em consequência, dou alta a todos que erradamente recolhi à Casa Verde. Outrossim, devido a essa mesma conclusão, rogo aos cidadãos responsáveis da cidade que me internem no mencionado Instituto de Saúde. Assinado, Simão Bacamarte.

TODOS: Não é possível. Um milagre! É sublime. Vai ser tudo como antigamente! Voltaremos ao paternalismo e à bondade. Que felicidade! Viva Bacamarte! (Uníssono) Viva Simão Bacamarte!

(Volta a música. Forma-se um cordão, que canta.)

O Destino deu um espirito,
mudou tudo de lugar
pior que estava era impossível,
a tendência é melhorar.
O vento virou, o tempo
mudou, quem não era bobo
ao clima novo se adaptou.
Estes homens que aqui cantam
nem a mãe os conhecia
dependendo da ocasião
fomos lobos ou baratas,
já não somos nada disso,
hoje somos democratas.
Que maravilha é ser bom!

mandar muito e desmandar
sem sentir jamais o medo!
A bondade em grande escala,
no local e em toda parte,
Norte, Oeste, Leste, Sul,
Será nossa atividade.

Bacamarte foi à glória,
começou uma nova história,
está de volta a nossa vez!
Sendo embora modernistas
vai ser tudo à moda antiga
muita lei e pouco susto
pau no Paulo e pau no Augusto.

E se falha a persuasão,
o bem se faz à viva força
faça o bem a ferro e fogo.
somos bons, ninguém é bobo.

Olha o dedo no que é meu
tira a mão senão morreu,
toma seis que três é pouco,
e toma nove no teu côco!

TELECOTECO XICALUCA TCHIQUETUMI
ZINZUMBULE PONHEQUETAQUE FOFOFÓI

(O cordão se desfaz, e começa uma longa e homérica surra nos bonecos, aos gritos de "presunçoso", "toma", "estaferno", "canalha", "ibidioso", "ignorante", "preguiçoso", "carreirista", "infeliz", "ateu", "carneiro", "analfabeto", "imundo", "idiota", "traidor", "ingênuo", "taturana", "doente", "covarde", "nojentu", "oportunistista", "esfomeado", "vaquítico", "lúbrico", "comunista", "ridículo", "atrasado", "aleijado", "fingido" etc. Enquanto uns batem, outros recuperam a sua auto-estima diante do espelho. A surra termina por exaustão.)

(Pausa.)

ENTRA UM NOTÁVEL: Foi uma solução feliz. Uma solução pouco provável, mas feliz. Faremos tudo para que dure muitos e muitos decênios. Finalmente, afabilidade e astrologia, sem prejuízo da tração. *(Dirige-se para a saída. Para diante de um boneco, para dar-lhe um tapa. O boneco, que é um homem, apara com a esquerda e com a direita, aplica-lhe colossal bofetada, que lança o notável a vinte metros, para dentro de um buraco sobre o qual está escrito em letras garrafais: A LATA DE LIXO DA HISTÓRIA. O boneco esfrega as mãos e vai para casa).*

FIM

(1969)

Paulo
Linha

UNIS

loucura. A razão é o equilíbrio perfeito de todas as faculdades... *Tudo que for menos que isso é insanía*". É a ciência que atribui, portanto, a Bacamarte o poder de afastar do convívio social os que para tanto lhe parecem incapazes. Os notáveis da cidade hesitam entre dar ou negar apoio a Bacamarte quando os limites de distinção entre sanidade e loucura começam a ficar suficientemente imprecisos para deixarem de ser uma zona de segurança. "Nós queremos que os dois coincidam. Em outras palavras, que a autoridade desinteressada da ciência sustente a autoridade do nosso interesse." O barbeiro Canjica, que se faz porta-voz dos mais diretamente ameaçados por essas autoridades – "o que ofereço é uma revolução sem revolução" – não hesita em barganhar ideal por prestígio: "Trata-me por Excelência, pois todos os homens são iguais."

Do movimento das demais personagens – assistidas pelos bonecos-escravos – por entre esses poderosos, se constrói a estória – ou se reconstrói a História.

Se Machado de Assis usava ironia, a ambigüidade, a elipse, para veicular sua crítica àquela mesma sociedade que o lia e aplaudia, Schwarz utiliza-se do cómico, do grotesco mesmo, como expressão desse conteúdo crítico atualizado.

Nessa lata de lixo da história muito há a ser remexido pelo espectador-leitor.

Beatriz Resende